

nessas grandes povoações e apertar de tal sorte esta classe de gente que ela achasse cômodo em retirar-se para o campo. Longe dos olhos da multidão, o orgulho tem menos de quem se esconda, e a imperiosa necessidade de sustentar a vida forçará o homem livre ao trabalho. Isto se observa já pelo interior das capitânicas e, dando-se providências adequadas, é de se esperar que se propague por toda parte.

Talvez se acelerasse esta saudável mudança com a distribuição gratuita de terras nas vizinhanças das vilas e cidades e avanço de certa soma para princípio de cultura e privilégios ou prêmios às famílias que mais se distinguissem neste gênero de trabalho. Estes meios positivos de fomentar a indústria que se deseja estabelecer em um povo principiante e prejudicado são de suma utilidade, mas talvez não agradem aos partidistas do antigo laissez-faire, que aliás demanda explicação e deve ser restrito a certas hipóteses e, sem dúvida, não quadra à de que tratamos. A esses descontentes pediremos que meditem, e nos lisonjeamos que mudarão de opinião.

(Memória sobre a necessidade de abolir a introdução de escravos africanos no Brasil, sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer e sobre os meios de remediar a falta de braços que ela pode ocasionar. Coimbra, 1821. Reed. em Memórias sobre a escravidão, pp. 37-38. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional/Brasília, Fundação Petrônio Portela, Ministério da Justiça, 1988. Col. "Publicações Históricas", v. 88).

*

PRENDAS DE UM HERÓI (Baltasar Gracián)

Todo herói participou tanto de felicidade e de grandeza, quanto de virtude, porque correm paralelas desde o nascer até o morrer.

Eclipsou-se em Saul uma com a outra e amanheceram em David jantamente.

Foi Constantino, entre os Césares, o primeiro que se chamou Magno, e também o primeiro imperador cristão; superior oráculo de que, com a cristandade, nasceu irmanada a grandeza.

Carlos, primeiro imperador de França, alcançou o mesmo renome e aspirou ao de santo.

Lufs, gloriosíssimo rei, foi flor dos santos e de reis.

Em Espanha, Fernando chamado comumente o Santo em Castela, foi Magno do orbe.

O conquistador de Aragão consagrou tantos templos à imperatriz do império como conquistou ameias.

Os dois reis católicos, Fernando e Isabel, foram o non plus ultra, digo, colunas da fé.

O bom, o casto, o pio, o zeloso dos Filipes espanhóis, não perdendo um palmo de terra, ganhou às varas o céu, e, de verdade, venceu mais monstros com sua virtude que Alcides com a sua clava.

Entre os capitães, Godofredo de Bulhão, o grão Gonzalo Fernández, o primeiro de Santa Cruz e o pasmo dos turcos, o sereníssimo senhor D. Juan de Áustria, foram espelhos de virtude e templos da piedade cristã.

Entre os heróis sacrossantos, os dois primeiros aos quais deu renome a grandeza, Gregório e Leão, lhes deu esplendor a santidade.

Ainda nos gentios e infiéis, reluz o sol dos engenhos, Augustino, toda a grandeza ao fundamento de algumas virtudes morais.

Cresceu Alexandre até que minguaram os seus costumes. Venceu Alcides monstros de fortaleza até que se rendeu à mesma fraqueza.

Foi tão cruel a fortuna, digo, justiceira, com ambos os Neros, quanto o foram eles com os seus vassallos.

Monstros foram da lascívia e da frouxidão Sardanapalo, Calígula e Rodrigo e portentos do castigo.

Nas monarquias, pretende evidência este primor. Floresceu o que é flor dos reinos, enquanto floresceram a piedade e a religião, e murchou com a heresia da sua beleza.

Pereceu o fénix das províncias no fogo de Rodrigo, e renasceu na piedade de Pelayo ou zelo de Fernando.

Saiu para ser maravilha de prosápias a augustíssima casa de Áustria, fundando a sua grandeza na que é cifra das maravilhas de Deus. E rubricou o seu imperial sangue com o de Cristo, Senhor nosso sacramentado.

Oh, pois varão culto, pretendente à heroicidade! Nota o mais importante primor, repara na mais constante destreza. Não pode a grandeza fundar-se no pecado, que é nada, senão em Deus, que é tudo. Se a excelência mortal é de cobiça, a eterna seja de ambição. Ser herói do mundo pouco ou nada é; sê-lo do céu é muito, para cujo Grão-Monarca seja o louvor, seja a honra, seja a glória.

(El Héroe: primor ultimo. Em Moralistas Espanhóis, pp. 379-380. Trad. de Acácio França. Rio de Janeiro, Jackson, 1960. Coleção "Clássicos Jackson", v. 11).